

Meira dá regras para pilotar Plano

Lição número 1: ter espírito público. Lição número 2: todos os problemas são grandes, por menores que pareçam. Para o ex-administrador de Brasília, Haroldo Meira, estas são as regras básicas da cartilha indicada a quem se propuser a assumir o manche do Plano Piloto e merecer o brevê de piloto oficial das asas Sul e Norte. Ao se desligar da função e passar o comando a Jorge Waquim, ex-prefeito da 104 Norte, Meira avalia seu trabalho à frente da administração da cidade e admite ter apenas apontado o caminho que somente o tempo poderá mostrar se é certo.

Integrar a comunidade foi uma das principais fórmulas usadas por Haroldo Meira para distribuir a responsabilidade antes atribuída só ao governo. Na sua opinião, é preciso delegar competência à população, para que ela seja capaz de definir pelo menos suas necessidades prioritárias. Ao afastar-se da publicidade, onde trabalhou durante 25 anos, para dedicar-se à administração de uma cidade como Brasília, ele hoje valoriza as decisões bilaterais, dando voz ativa à população. "As pessoas precisam conhecer o lado de cá. Se não tem dinheiro para iluminar a rua deve-se buscar soluções alternativas", explica.

LUIS TAJES



Meira disse que os desafios enfrentados no cargo foram grandes

Terceiro administrador de Brasília, Meira diz que os desafios que enfrentou no cargo foram grandes, maiores até do que os enfrentados por administrações de cidades-satélites. "A vida de Brasília está no Plano Piloto, que dorme com 300 mil habitantes, mas passa o dia com um milhão. É preciso administrar isso também", comenta. Ao definir a cidade, há alguns anos, como uma

"panela de pressão" na iminência de explodir por falta de oportunidade de reivindicar, ele defende a abertura de um amplo debate sobre o futuro da capital enquanto cidade ameaçada pelo crescimento desordenado e adensamento populacional.

Dificuldades — Apesar de reconhecer as dificuldades, como a falta de verbas da administração,

Meira tranquiliza-se ao computar 110 prefeituras de quadra, dois conselhos comunitários, associações de moradores e prefeituras dos lagos Sul e Norte, hoje agentes em defesa de cada comunidade. "Falta dinheiro, sim, mas pior seria a falta de vontade política de resolver as coisas", compara. Há 34 anos em Brasília, diz que há pouco tempo descobriu a existência de pessoas dispostas a agir e colaborar com o governo.

Aos 45 anos, o ex-administrador garante não ter planos políticos pelo menos até o convite do governador Joaquim Roriz. "É a chance de fazer mais plena minha cidade", justifica o carioca da Ilha do Governador, filho adotivo de Brasília. As ligações afetivas com a capital, onde melhorou de vida e viu o pai Meira Filho eleger-se senador, são para ele razão suficiente para tentar uma vaga na Câmara Federal pelo PP nas eleições deste ano. Mesmo sem ter avaliado o eleitorado brasileiro, acredita que com 15 mil votos seja possível a vitória. Sua bandeira no Congresso: industrialização de Brasília, pois, na sua opinião, somente assim há chance de absorção da mão de obra desempregada, um dos problemas mais graves das suas satélites.